

CONTEÚDOS MESSIÂNICOS-MILENARISTAS NOS MOVIMENTOS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS

Dr. Saulo Baptista Cerqueira¹

RESUMO: Este trabalho enfoca alguns aspectos experienciais e sociais do pentecostalismo revelando-os como expressões dos tipos religiosos messianismo e milenarismo no contexto religioso brasileiro.

Palavras-Chave: Pentecostalismo, Contexto Religioso Brasileiro, Movimentos Messiânicos.

ABSTRACT: This work focuses on social and experiential aspects of Pentecostalism revealing them as expressions of religious messianism and millenarianism in religious context in Brazil.

Keywords: Pentecostalism, Brazilian Religious, Messianic Movements.

Introdução

Enfrentamos dificuldades para desenvolver a questão dos conteúdos messiânico-milenaristas nos movimentos pentecostais e neopentecostais. Quando se começa pela conceituação sociológica desses fenômenos e se compara com o diversificado mundo dos movimentos pentecostais, tem-se relutância em tratá-los como tais. Ao repassar os episódios tensos da história brasileira, provocados por líderes carismáticos e seus seguidores, nossa memória não traz nenhum movimento de cunho pentecostal que mereça essa classificação messiânica-milenarista. Lembramos facilmente dos eventos famosos de Canudos e Antônio Conselheiro, Contestado e seus monges, os Muckers e Jacobina, o Padre Cícero e os devotos do Juazeiro, e outros menos divulgados, como Pedra Bonita e Borboletas Azuis. Não se pode esquecer também a Cidade Eclética de Yokaanam e o Vale do Amanhecer de Tia Neiva. Há outros ainda mas os exemplos citados são suficientes.

Então, como pensar os pentecostais no enfoque proposto? Vamos a alguns conceitos para verificar se nos ajudam.

O estudo dos fenômenos messiânicos – [escrevia Desroche] – é precisamente o estudo do fato religioso enquanto sentimento *vivido*, enquanto ato *efervescente*, enquanto religião de *primeira mão* numa sociedade que *se abre* – ainda que por arrombamento – enquanto sobressalto de vida, ou rejeição da morte, de um grupo social que certa sociedade dominante, ausente esse sobressalto ou

¹ Doutor em Ciências da Religião e Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – UEPA.

ausente essa rejeição, armazenaria, no melhor dos casos, nas conservas de sua memória ou nas reservas de seu território” (Grifos no original)².

Ora, nosso objeto – o pentecostalismo – é composto de sentimentos em elevadas doses. Religião da emoção, efervescente, que vem criando seus espaços na sociedade, rompendo barreiras elitistas de um pensar que tenta praticar a modernidade europeia e o liberalismo norte-americano por mimetismo. As comunidades pentecostais e o que elas produzem nos templos, nas praças e na mídia, estão aí como fermento para levedar a massa, expandi-la e impedir que a sociedade se restrinja às “religiões de *conserva*,”³ mirradas como pães asmos da pureza doutrinária, mas também do farisaísmo dos segmentos conservadores da sociedade.

Os pentecostalismos são expressões do cristianismo e este é um fenômeno messiânico, com conteúdo milenarista, alimentado principalmente pelos seus primeiros seguidores, renovado, todavia, ao longo da história, em diferentes contextos espaço-temporais. Para verificar isto, basta folhear o dicionário do próprio Henri Desroche, mencionado.

Os pentecostais consideram-se restauradores da fé bíblica, sendo o batismo com o Espírito Santo o cumprimento da profecia de Joel, lembrada pelo apóstolo Pedro, durante a festa de Pentecostes, nos primórdios da era cristã e, nestes “últimos dias”, renovado com a experiência do povo pentecostal:

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra; sangue, fogo e vapor de fumo. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo⁴.

Os movimentos messiânicos não nascem por decreto ou por voluntariedade de um indivíduo iluminado. Esses movimentos só acontecem quando pessoas estão incomodadas e começam a canalizar seu mal-estar na busca de alternativas de solução. Seja a miséria, seja a anomia, a perda de sentido na vida, as doenças, o desemprego ou outra circunstância que incomoda, aí está um terreno fértil para a criação e o crescimento de uma proposta religiosa. Afinal, religião traz esperança e sentido para a vida, mesmo que também contribua para alimentar uma consciência alienada. Não obstante, já houve casos em que a religião alimentou sonhos e utopias que desembocaram em revolução⁵.

² DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo: Umesp, p.16.

³ DESROCHE, *op. cit.*, p.16, citando Bastide.

⁴ Atos dos Apóstolos, cap. 2:14-21. *In: Bíblia Sagrada*. Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Esta versão é a mais utilizada pelos membros da Assembleia de Deus.

⁵ O próprio cristianismo no contexto judaico-romano; Thomas Münzer e os camponeses na Alemanha de Lutero, a revolução puritana na Inglaterra, as revoluções religiosas no mundo islâmico etc.

Segundo Josildeth Consorte⁶, “a mentalidade messiânica se apresenta sempre com as mesmas características básicas, nas quais a crença na interferência do sobrenatural nas transformações a serem operadas no mundo ocupa uma posição central”, adicionada à crença “de que esta interferência se manifestará através do envio de um salvador”, o que possibilitará o desencadear de um movimento com características messiânicas. O grupo que assim crê também alimentará outras convicções, como:

a crença numa igualdade fundamental entre todos os seres humanos e num destino também comum – o encontro com o criador depois da morte; (...) uma crença em que o fim dos tempos será precedido de sinais que só o enviado divino será capaz de perceber e decodificar; uma crença em que só partilharão do reino da eterna felicidade os eleitos do Senhor, ou seja, aqueles que ouvindo o messias alcançarão a salvação.⁷

Esses ingredientes nós os encontramos no nosso objeto, tanto no pentecostalismo clássico, tipo Assembleia de Deus, como no neopentecostalismo, tipo Igreja Universal do Reino de Deus, para delimitá-lo aqui em apenas dois exemplos. Entretanto, em nenhum desses casos houve uma sublevação da ordem, formação de guetos e arregimentação das forças do Estado contra eles. É bem verdade que também não foram movimentos acolhidos com cordialidade pela sociedade brasileira. Muito pelo contrário, sua assimilação ainda guarda reservas, que se revelam aqui e ali, dependendo de circunstâncias, como nas festas religiosas do catolicismo popular, quando se acentuam as diferenças entre “os crentes” e a maioria católica.

De todo modo, entendemos que, apesar das dificuldades apontadas, podemos focar os movimentos pentecostais como expressões messiânicas-milenaristas no contexto religioso brasileiro. E vamos fazê-lo.

Dois tipos de messianismo-milenarismo pentecostal

O pentecostalismo clássico, tipo Assembleia de Deus, nos oferece um modelo de messianismo-milenarismo **transcendente** e **futuro**, em que o messias Jesus Cristo implantará um governo milenar, regido por ele, próximo do final dos tempos. Sua fonte inspiradora principal é o *dispensacionalismo*, disseminado pelo advogado Cyrus Ingersol Scofield. Há uma riqueza de ingredientes, bem como a sua interpretação sociológica, que pretendemos examinar a seguir.

Segundo Robson Guimarães, que vem analisando o movimento pentecostal em Belo Horizonte (MG), nas três últimas décadas do século XX, a profecia de Joel, citada pelo apóstolo

⁶ CONSORTE, Josildeth Gomes. Mentalidade messiânica. In: VV. AA. **A vida em meio à morte em um país do terceiro mundo**. São Paulo: Paulinas; São Bernardo do Campo: IMS, 1983, p. 44.

⁷ Idem, *ibidem*, p.44.

Pedro⁸, é fundamental para a teologia da Assembleia de Deus (e de outros grupos pentecostais, acrescentaríamos aqui).

[Essa profecia] relaciona diversos acontecimentos que apontariam para a chegada do ‘fim dos tempos’: o derramamento do Espírito, a manifestação de dons espirituais miraculosos – profecias, visões, sonhos – uma natureza transtornada e a extensão da salvação a todos os povos. Em primeiro lugar, a promessa do batismo do Espírito se insere dentro da emergência dos ‘últimos dias’; em segundo lugar, a pregação do Evangelho em todo o mundo também será um acontecimento desencadeador da ‘consumação do século’; e, em terceiro lugar, as manifestações de cura divina e de milagres dar-se-ão neste tempo escatológico.

Segundo a hermenêutica pentecostal, no decorrer da história da igreja cristã, a partir da corrupção do cristianismo pelo catolicismo romano, esse tempo que desembocaria no fim de todas as coisas ficou em suspenso. Somente com a Reforma Protestante do século XVI é que o cristianismo recuperaria parte do seu vigor original, atingindo, porém, novamente a sua plenitude somente com o advento do movimento pentecostal. Por isso, ser pentecostal desencadeia novamente o restabelecimento do processo dos últimos dias ou do ‘fim dos tempos’, parado desde a ‘constantinização’ da Igreja”⁹

De acordo com essa interpretação, que consideramos pertinente, o pentecostalismo clássico é de fato uma crença voltada para os acontecimentos escatológicos. E, neste caso, cabe a observação de Guimarães sobre a centralidade da expectativa da segunda vinda de Cristo na experiência religiosa dos assembleianos.

Na cosmovisão dos pentecostais da Assembleia de Deus, a crença na volta iminente de Cristo desempenha um papel central. Ou seja, para a compreensão do pentecostalismo, neste período [1970-2000], a crença na segunda vinda de Cristo não pode ser considerada marginal, porque estes são tempos apocalípticos. (...) Esta crença reforça e fortalece tanto a dimensão da conversão quanto da experiência do batismo com o Espírito Santo e do exercício dos dons espirituais¹⁰.

O outro modelo é o messianismo-milenarismo **imanente e presente**, apresentado de duas maneiras diferentes: a primeira, através da *ética da prosperidade*, pregada, principalmente, pela Igreja Internacional da Graça de Deus, do missionário Romildo R. Soares, e a segunda, através de um projeto concreto, a Fazenda Canaã, obra liderada pelo bispo Marcelo Crivella, da Igreja Universal do Reino de Deus.

⁸ Confira texto de Atos 2: 14-21, transcrito na p.4.

⁹ GUIMARÃES, Robson Franco. **Os últimos dias**: crenças, sentimentos e atitudes dos pentecostais da igreja Assembleia de Deus diante da volta de Cristo. Monografia apresentada em cumprimento parcial às exigências da disciplina *História Social da Religião* do programa de pós-graduação em Ciências da Religião – Mestrado. São Bernardo do Campo: Umesp, julho/2003, p.4-5. (Inédita).

¹⁰ GUIMARÃES, *op.cit.*, p.5.

Correntes milenaristas no cristianismo¹¹

São três as correntes principais de interpretação sobre o retorno de Cristo (*parousia*) e a instalação do seu reino milenar na consumação da História. Vamos apresentar, sumariamente, essas linhas de interpretação.

A corrente **pós-milenista** afirma que o retorno de Jesus Cristo acontecerá depois de mil anos de prosperidade, justiça e paz, que serão experimentados pela humanidade. Em 1700, um teólogo evolucionista, Daniel Whitby, desenvolveu uma teoria sobre o progresso da humanidade, que culminaria com a volta de Cristo. Essa crença perdurou até o século XIX. Para Erivaldo de Jesus, “Whitby (1683-1726) deu a essa opinião sobre o milênio, a sua mais impressionante formulação, conquanto não tivesse sido o primeiro a defendê-la. A destruição do Anti-Cristo antes do milênio, era interpretada por ele como uma indicação do colapso da Igreja Católica Romana.”¹²

Na opinião do mesmo Erivaldo, o avivamento metodista do século XVIII contribuiu para uma visão otimista da história. O pregador norte-americano Jonathan Edwards também era dessa linha, mas o destaque maior seria para Mathew Henry. Outros pós-milenistas famosos foram Charles Hodge, B.B. Warfield, W.G.T. Shedd e A.H. Strong. Os pós-milenistas não tratavam o milênio como um período de mil anos, literalmente.

No início do século XX, alguns teólogos passaram a associar esse período de prosperidade com a vitória do socialismo, a abolição da fome, as conquistas dos trabalhadores e a eliminação da guerra. Com a eclosão das duas guerras mundiais, o pós-milenismo entrou em decadência. Não obstante, essa linha de interpretação está viva e pode ser associada a propostas de uma nova sociedade inspiradas na Teologia da Libertação, por exemplo.

O **amilenismo** é a corrente que nega um milênio literal. A história humana “flutua entre o bem e o mal”. Agostinho (354-430 d.C.) acreditava que a prisão de Satanás teria ocorrido durante a permanência de Jesus no mundo, quando também se iniciara o milênio. A igreja seria a nova comunidade messiânica, que teria assumido as promessas feitas ao povo de Deus, no Antigo Testamento. Essa linha de interpretação permanece presente no mundo católico e no protestantismo reformado. Todavia, seus adversários apontam muitos “sinais dos tempos” como evidências de que ela é inconsistente: a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), a criação da Comunidade Econômica Europeia (hoje União Europeia), a instalação do Estado de Israel, os computadores que já permitem a impressão da “marca da besta” nos corpos das pessoas, a telemática, o aumento dos terremotos, uma “nova ordem mundial”, os mísseis, a tecnologia nuclear etc.

¹¹ Esta seção foi elaborada com base nas obras: HUTCHINGS, Noah W. **Arrebatamento e ressurreição**. Rio de Janeiro: Betel, 1996, e JESUS, Erivaldo de. **Escatologia: um tratado sobre o fim do mundo**. Edição do autor, sem indicação de local, 2001.

¹² Jesus, *op. cit.*, p. 10.

Na explicação do pastor Erivaldo de Jesus:

Para os Amilenistas, haverá apenas uma ressurreição geral dos crentes e dos incrédulos, a qual ocorrerá durante a segunda vinda de Cristo. O julgamento final será para todos os povos. A tribulação é algo que experimentamos na presente era. A soltura de Satanás após o Milênio é equiparada ao aparecimento do anticristo antes do retorno de Cristo.¹³

O **pré-milenismo** anuncia a volta de Cristo antes do milênio. Ou seja, Jesus voltará e implantará o seu reino de mil anos, em conjunto com outros eventos que marcarão o fim da História. Os primeiros cristãos esperavam a volta de Jesus Cristo em sua própria geração. Justino Mártir, Barnabás, Melito, Tatiano, Irineu e Tertuliano eram pré-milenistas.

Gibbons, porém, registra em seu livro *Ascensão e Queda do Império Romano* que o “sentimento reinante” no princípio da igreja era a volta de Cristo, trazendo o milênio, aproximadamente no ano 2000 d.C., com base no relato dos sete dias da criação, conforme o Gênesis, interpretados como eras da história da humanidade¹⁴. Com efeito, alguns escritores traçam esse paralelo entre a semana da criação e a chamada semana de Deus, de sete mil anos, do seguinte modo: de Adão a Abraão, são dois mil anos, representados por dois dias; de Moisés a Cristo, outros dois mil anos; Cristo teria vindo no início do quinto dia; o século XX estaria no final do sexto dia. Logo, no tempo próximo ao ano 2000 viria o milênio; daí a expressão: “mil passará, dois mil não chegará”.

O messianismo-milenarismo transcendente e futuro

Os pentecostais em geral e os evangélicos fundamentalistas adotam a interpretação dispensacionalista pré-milenista da história. Até mesmo as igrejas neopentecostais, cuja ênfase na prosperidade as aproxima do pós-milenismo, adotam em suas declarações doutrinárias essa interpretação dispensacionalista.

O *dispensacionalismo* é uma metanarrativa, uma filosofia da história que condiciona e engessa sua interpretação. Mas é, sobretudo, uma perspectiva que permite aos crentes ligarem os fragmentos da realidade caótica de toda a trajetória da humanidade, segundo uma lógica religiosa que lhes confere segurança quanto ao futuro e resignação na era presente. A Bíblia anotada de C.I.Scofield é o texto padrão do dispensacionalismo.

Os antecedentes dessa forma de interpretar a ação divina na história é antiga. Montano da Frígia, no século III, afirmava que recebia revelações diretas de Deus, inclusive sobre a volta de Cristo para estabelecer o seu reino em Jerusalém. Ele foi considerado herege e expulso da igreja em 230 d.C. No século XVIII, Edward Irving (1792-1834) reprisou, de certa forma, os

¹³ JESUS, *op.cit.*, p. 9.

¹⁴ *Apud* Hutchins, *op. cit.*, p. 92.

ensinos de Montano e também foi excluído. Não obstante, um discípulo seu, John Newton Darby, tornou-se líder dos Irmãos de Plymouth. Segundo Darby, Jesus Cristo virá para arrebatá-la discretamente sua igreja nos ares, seguindo-se sete anos de uma grande tribulação para os que permanecerem na Terra, quando aparecerá o Anticristo. Essa tribulação terminará quando o Anticristo reunir as nações para a batalha do Armagedom. Nessa ocasião, Cristo triunfará sobre as forças do mal e “todo o Israel será salvo” (Romanos 11: 26). Em seguida, o Messias voltará com os seus eleitos e inaugurará um reino de mil anos aqui na Terra. Durante o milênio, Satanás estará preso, mas será libertado no fim do período.

O sistema de dispensações começou com Darby. Antes dele, existia apenas o pré-milenismo histórico, mas com ele nasceu o pré-milenismo dispensacionalista. Segundo Scofield, seguidor de Darby: *Dispensação* “é o período de tempo durante o qual os homens são provados a respeito da obediência a certa revelação da vontade de Deus”¹⁵. Assim, temos a história da humanidade dividida em sete dispensações ou oportunidades concedidas por Deus ao ser humano, para este cumprir os propósitos do Criador:

- Primeira dispensação: Deus criou o primeiro casal na inocência e deu-lhe liberdade para escolher entre o bem e o mal. Havia uma árvore do conhecimento do bem e do mal no jardim do Éden, a qual o homem não deveria provar, contudo ele a provou. Acabou aí a primeira dispensação ou *era da inocência*.
- Segunda dispensação: Deus então permitiu que o ser humano usasse a própria consciência para ser feliz, mas ele se corrompeu. Então, Deus mandou o dilúvio, cessando a segunda oportunidade ou *era da consciência*. E assim sucessivamente, Deus foi dando novas oportunidades para o ser humano se reabilitar.
- Terceira oportunidade: *era pós-diluviana* ou do governo humano; prolongou-se desde o dilúvio até a chamada de Abraão.
- Quarta dispensação: *era patriarcal* ou da família; durou 430 anos, entre a escolha de Abraão e a entrega da lei a Moisés, no monte Sinai.
- Quinta dispensação: *era da lei*, que se prolongou até a vinda de Cristo e a constituição da igreja.
- Sexta oportunidade: *era da igreja* ou da graça. É a atual, que cessará com a segunda vinda de Cristo e os acontecimentos do fim da história.
- Sétima dispensação: abrangerá os acontecimentos do fim da história, como o arrebatamento da igreja, a grande tribulação, a volta de Cristo e o juízo final.

Como havíamos mencionado, um tipo de pré-milenismo estava presente já no 2º século, na crença dos “pais da igreja”. Todavia, com a frustração devido à demora da segunda vinda de Cristo, associada à crescente institucionalização do cristianismo, este foi domesticado, segundo Heinrich Schäfer, através da ideologia do dispensacionalismo

¹⁵ *Apud* Jesus, op. cit., p. 15.

De esta manera, el premilenarismo es privado de dos elementos esenciales: la perspectiva hacia el futuro y la dinámica de la desesperación. El dispensacionalismo más bien petrifica al premilenarismo, convirtiéndolo en una verdad sobre la historia y sobre el mundo, y situándolo dentro de un modelo histórico-filosófico de épocas. De este modo, el dispensacionalismo convierte la escatología premilenarista de una expresión ferviente de desesperación en una doctrina fácilmente manejable, y de esta manera ideal para una iglesia pentecostal grande y autoritaria.”¹⁶

Seguindo o raciocínio de Schäfer, estamos diante de um milenarismo adaptado para não se contrapor ao mundo, porque tudo já está traçado e a presente ordem já está fadada à destruição. A única conduta lógica que resta para essa perspectiva é a rejeição ao mundo, conforme a análise weberiana, que ainda vamos apresentar. Por enquanto, prossigamos tratando dos desdobramentos do pré-milenismo.

Arrebatamento parcial

Para alguns pentecostais, haverá um arrebatamento da parte mais fiel da igreja, antes da Grande Tribulação. Será uma forma de poupá-los do extremo sofrimento que vai pairar sobre os habitantes da Terra. Hutchins rejeita essa interpretação, com base em I Coríntios 15: 51-2, onde se lê que “todos seremos transformados”.

Arrebatamento pós-tribulação

Outros afirmam que a igreja também passará pela tribulação. Neste caso, o sermão profético de Jesus em Mateus 24 estaria descrevendo situações onde a igreja será participante. O fim da dispensação da igreja acontecerá somente quando Jesus chamar todos os seus fiéis dentre os gentios. Então ele retornará literalmente à Terra e reconstruirá o tabernáculo de Davi. Essa *era da igreja* é chamada “plenitude dos gentios” (Romanos 11: 25).

Arrebatamento inter-tribulação

A igreja passará pela tribulação nos três anos e meio iniciais e será arrebatada, quando o Anticristo se comprometer com a “abominação da desolação”. Nessa primeira fase haverá fome, problemas sociais e revoluções, mas não chegará a acontecer extermínios em massa. Não obstante, o quarto selo do Apocalipse, cap. 6, registra que 25% da população terrestre será exterminada pela fome.

Reportamo-nos, agora, a Daniel, cap. 9, onde há referência a sete semanas de anos (quatrocentos e noventa anos), para se cumprir a promessa de Deus. Quando Jesus foi crucificado haviam-se passado quatrocentos e oitenta e três anos, restando sete anos que deveriam ser cumpridos durante a Grande Tribulação. Há uma interrupção na contagem dessas

¹⁶ SCHÄFER, Heinrich. **Protestantismo y crisis social em América Central**. San José (Costa Rica): DEI, 1992, p.56.

semanas, porque Israel passa a ser substituído pela igreja, até que se complete a “plenitude dos gentios”, conforme o esquema das dispensações. Esses sete anos deverão ser contados a partir da assinatura de um tratado de paz no Oriente Médio, entre o Anticristo e Israel, no qual uma parte das terras prometidas aos patriarcas dos hebreus será alienada. No meio dessa semana de anos (3 ½ anos) o Anticristo quebrará o acordo firmado e se comprometerá com a “abominação da desolação” (Daniel, Mt. 24, II Ts. 2:4 e Ap. 13).

Arrebatamento pré-tribulação

O arrebatamento antes da tribulação será um acontecimento secreto. Subitamente, será notada a ausência de milhares de pessoas. Erivaldo de Jesus descreve: “No arrebatamento, Jesus virá até as nuvens. Seus pés não tocarão o solo desta vez, como acontecerá mais tarde, quando Ele se revelar publicamente, descendo sobre o Monte das Oliveiras, em Jerusalém na sua vinda em Glória”¹⁷. Para o mesmo autor “o arrebatamento é o casamento de Cristo com a sua Igreja”¹⁸.

No interregno, arrebatamento da Igreja e vinda de Cristo à Terra, cento e quarenta e quatro mil judeus convertidos serão guardados em local seguro. Provavelmente, Petra ou Sela, capital de Edom, uma fortaleza a noventa e seis quilômetros ao sul do mar Morto. (Isaías 16: 1). Depois da “abominação da desolação” eles também serão arrebatados¹⁹.

A *era da igreja* cessará com o fim da Tribulação, quando Cristo descer sobre o monte das Oliveiras para estabelecer o seu reino de mil anos, literalmente. Nessa ocasião, ocorrerá a ressurreição e o juízo dos não-salvos. Em seguida, virá a eternidade. No Apocalipse 20, o capítulo do milênio, pode-se ler sobre:

- O estabelecimento de tronos para os doze apóstolos, que reinarão sobre as doze tribos de Israel.
- A autoridade outorgada a Jesus Cristo para julgar todas as nações.
- Os decapitados durante a Tribulação, que não aceitaram a marca da besta, os quais reinarão com Jesus Cristo durante os mil anos.
- A ressurreição dos santos do Antigo Testamento.

No milênio, as pessoas terão longevidade, quem completar cem anos ainda será jovem. Doenças e defeitos físicos serão curados. Os problemas ambientais serão superados. Carneiros se deitarão com lobos. As tribos de Israel serão novamente divididas e ocuparão a terra prometida. Será construído um templo milenial, tendo Jesus como o sumo-sacerdote (Zacarias 6). As águas do mar Morto serão purificadas e proliferará uma abundância de peixes.

¹⁷ *Op.cit.*, p. 32.

¹⁸ *Idem*, p. 34.

¹⁹ HUTCHINS, *op.cit.*, p. 113.

Satanás ainda será libertado por pouco tempo, a fim de testar a fidelidade dos que nasceram no período da Tribulação e escolheram servir a Deus. Também tentará seduzir as nações. Gogue e Magogue são citadas como nações rebeldes. Os pentecostais costumavam identificá-las como sendo as que constituíam a União Soviética. Hoje fica difícil manter essa interpretação.

Cenas finais

Os outros mortos que se perderam ressuscitarão somente depois do milênio (Apoc. 20:5). Os que não tiverem seus nomes escritos no livro da vida sofrerão a agonia eterna do “lago de fogo”. Entre estes estarão os que receberam a marca da besta.

Os capítulos finais do Apocalipse trazem a visão de “novos céus e nova terra”. A nova Jerusalém será um cubo de doze mil estádios de aresta. Para converter em metros, basta multiplicar por 185 e elevar à 3ª potência. O número obtido é superior a dez bilhões de metros cúbicos. Na nova terra não haverá tristeza. Será o Éden ou paraíso restaurado, com a árvore da vida dando um fruto diferente cada mês. Esse paraíso jamais será perdido, como aconteceu no começo da humanidade, porque nele não mais haverá Satanás, nem morte, nem “árvore do conhecimento do bem e do mal”.

Assimilação da crença apocalíptica

Diante de quadro tão complexo de interpretação do milênio e aspectos correlatos que norteiam o pentecostalismo tradicional, justifica-se uma curiosidade. Será que o crente comum assimila essa interpretação? Não chegamos a levantar, diretamente, esta questão. Porém, durante as pesquisas que realizamos para nossa dissertação de mestrado em Sociologia, encontramos membros da Assembleia de Deus do Pará que tratavam do tema com certa familiaridade. Um desses entrevistados expôs seus conhecimentos a respeito do assunto. Leiamos o que ele falou naquela ocasião:

Pergunta – O que é Reino de Deus?

Entrevistado: É o milênio. É o reinado de Deus durante mil anos, que se dará nos acontecimentos escatológicos: guerras e rumores de guerras; pais contra filhos; os falsos profetas; a segunda vinda de Jesus; o arrebatamento da igreja; a vinda do Anticristo.

Pergunta – Quem é o Anticristo?

Entrevistado: É um homem que pode já estar vivo atualmente. É chamado “a besta”. Ele vai governar o mundo durante sete anos, sendo três e meio de paz. Ele vai apaziguar todos os conflitos. (É feita relação com a União Europeia, onde já está havendo uma união monetária, por exemplo. Isto mostra a unificação.) Depois haverá três anos e meio de terror, onde a igreja que ficar na Terra vai ser perseguida – é a “grande tribulação”.

O presidente do mundo vai unir todas as igrejas numa só. O principal movimento que pensa isto é a religião da Nova Era.

Nos três anos e meio será recebida uma marca, tipo um código de barra invisível, na costa da mão ou na testa. A marca é seiscentos e sessenta e seis (666), o número da besta. Quem não receber a marca vai ser perseguido, morto e terá que negar o nome de Cristo. Aos que permanecerem fiéis, ao final dos três anos e meio, Cristo vai voltar e arrebatá-los. Ele vem de novo, porque o povo de Israel vai se converter dentro de grande tribulação. As nações vão encurralar Israel. Este vai clamar e Cristo vai descer sobre o Monte das Oliveiras, que se vai abrir e o povo vai passar pela fenda, único lugar por onde eles vão passar, visto que as nações estarão cercando-os.

Cristo vai guerrear contra as nações. Ele vai descer com os anjos e a igreja arrebatada. Jesus então começa a reinar na Terra e faz isto durante mil anos. Não vai agradar a todos. Este é o Reino.

(JSD, 31 anos, sociólogo, Assembleia de Deus, entrevistado em 19.10.2001)

Entretanto, Robson Guimarães tem percebido que esse tipo de “mentalidade apocalíptica”, como um “sentimento de esperança pelo porvir, (...) não se importa com as minúcias e detalhamentos doutrinários e dogmáticos. A esperança é por um futuro radioso, independentemente da complexidade da escatologia dos teólogos”²⁰. O que, afinal, faz jus ao caráter popular da religiosidade pentecostal.

Guimarães lembra outro aspecto da expectativa pentecostal com o porvir: “O futuro, paradoxalmente, provoca nos pentecostais também o medo. Quais medos? Medos teológicos: da morte, do Anticristo, de não ser arrebatado juntamente com os salvos e ter que passar pela grande tribulação, da leitura do livro de Apocalipse.”²¹

Outro componente dessa interpretação milenarista é uma atitude em favor do atual Estado de Israel, identificado por muitos pentecostais e por outros cristãos conservadores como o continuador do reino de Israel citado na Bíblia, ignorando, portanto, as circunstâncias históricas da atual situação de conflito que prevalece na Palestina, ou sacralizando-a, em favor dos judeus, sem se importar com as condições discutíveis, do ponto de vista da justiça, de sua formação. Segundo Guimarães:

Os pentecostais devotam aos judeus e ao Estado de Israel uma simpatia singular. Devido a uma particular interpretação das Escrituras, principalmente dos livros de Daniel e de Apocalipse, que, segundo os mesmos, apontaria para a centralidade dos acontecimentos dos últimos dias tendo como protagonista os judeus, a escatologia dos pentecostais depende dos eventos relacionados a estes. O nascimento do moderno Estado de Israel, a partir de 1948, é interpretado como uma ação divina a favor do seu povo. As vitórias israelenses contra os árabes, nas guerras dos Seis Dias e do Yom Kipur, são devotadas à ação de seres angelicais. Esta interpretação histórica dos acontecimentos que beira o fantástico e o pueril, reforça, na ótica pentecostal, uma postura anti-árabe e anti-palestina, porque estes são inimigos de Israel e por extensão, da Igreja e de Deus.²²

²⁰ GUIMARÃES, *op.cit.*, p.13.

²¹ *Idem, ibidem*, p.14.

²² GUIMARÃES, *op.cit.*, p.16. O autor fundamenta essas afirmações nas seguintes fontes: ALMEIDA, Abraão de. **Israel, Gogue e o Anticristo**. Rio de Janeiro: CPAD, p. 52-76; e **Mensageiro da Paz**, ano 72, nº 1417, junho de 2003, p.13.

Finalmente, cabe registrar que, para o pentecostal, a volta de Cristo depende da propagação do evangelho a todas as pessoas. Alguns interpretam que bastaria a mensagem chegar a todos os povos, e não necessariamente a todos os indivíduos, pois neste caso estaria cumprido o requisito presente na declaração atribuída a Jesus Cristo: “E este evangelho do reino será pregado no mundo inteiro, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim”.²³. Em qualquer hipótese, cabe ao fiel tornar-se um fervoroso evangelista, cumprindo o seu dever e ao mesmo tempo contribuindo para apressar a volta do Senhor Jesus. Assim, o proselitismo e a escatologia caminham juntos na expressão da fé pentecostal, onde o leigo é tão responsável na propagação do evangelho quanto os pastores e evangelistas. Neste particular, aparece, mais uma vez, no sentido prático, a ênfase do pentecostalismo no “sacerdócio universal de todos os crentes”.

O messianismo-milenarismo imanente e presente

Até aqui consideramos uma face da questão: os messianismos-milenarismos desenvolvidos nas expressões tradicionais do movimento pentecostal. Em tempos recentes era comum associar pentecostalismo com pobreza. Muitos estudos acadêmicos insistiam nesse enfoque²⁴. Para tal tipo de pentecostalismo, a ética de rejeição ao mundo²⁵ e a realização do reino milenial fora da história se harmonizavam perfeitamente.

Ocorre que a partir dos anos 1970, acentuou-se um processo de mobilidade social ascendente no campo pentecostal, com o surgimento de novas igrejas e a reformulação das existentes, onde a tônica passava a ser um “basta” na miséria e no sofrimento, através de uma teologia que proclamava a condição superior do crente na Terra. Paulo Siepierski assim se manifestou sobre este novo fenômeno:

Como em uma situação de rápidas transformações sociais, quanto mais ajustada uma resposta está em um determinado momento mais desajustada ela estará no próximo, a mensagem pentecostal se tornou anacrônica. A esperança de um reino futuro já não é atraente. O que seduz agora é um reino de Deus presente, universal, cujo desfrute está acessível a todos. Ademais, o arrefecimento do fluxo migratório, agora direcionado do sul para o noroeste, diminui substancialmente o público recém-urbanizado, tradicional celeiro de pentecostais. Isso forçará o pentecostalismo a buscar conversos nas outras religiões urbanas, principalmente na umbanda. Nessa nova realidade surge o pós-pentecostalismo, que se diferencia tanto do pentecostalismo clássico como do protestantismo tradicional²⁶.

²³ Evangelho de Mateus, cap. 24:14. *In*: Bíblia Sagrada.

²⁴ MARIZ (1994), CAMPOS MACHADO (1996), ROLIM (1980), CHESNUT (1997), servem de exemplos neste sentido.

²⁵ Sobre este assunto, sugerimos ler WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. *In*: _____. **Weber**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. (Coleção Os Economistas), p. 155-189.

²⁶ SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Mutações no protestantismo brasileiro: o surgimento do pós-pentecostalismo. *In*: DREHER, Martim N. (org). **500 anos de Brasil e igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST e Cehila, 2002, p. 414-5.

Afinal, Jesus Cristo havia derrotado todos os inimigos, conquistado todos os reinos e transformado seus discípulos em herdeiros do Pai. O Senhor é o “dono da prata e do ouro”. Ele não quer ver seus filhos sofrendo, se têm à disposição todos os bens. Basta ao fiel exercitar sua fé e tomar posse dessa pletora de riquezas. Era a importação da “teologia da prosperidade” com suas técnicas de confissão positiva que alguém denominou “neurolinguística do pobre”. Igrejas como a Renascer em Cristo, a Universal do Reino de Deus, a Sara Nossa Terra e a Internacional da Graça de Deus, entre outras, adotaram essa teologia. A Graça Editorial, pertencente à última igreja mencionada, passou a editar os livretos de Kenneth Hagin, um dos principais teóricos dessa nova ideologia.

Sem dúvida, Hagin e seu movimento “Word of Faith”, tendo como quartel general o Seminário Rhema, tornaram-se o pivô da chamada “confissão positiva”. A rigor não se tratava de um pensamento novo. Suas fontes vinham desde o Gnosticismo, passando pelas cosmologias orientais, servindo-se do espiritismo kardecista e da Ciência Cristã. Esse W. Kenyon (1867-1948), seu principal inspirador, utilizou alguns conceitos metafísicos com técnicas de auto-ajuda, para estimular a fé no “pensamento positivo”.

Com o propósito de fazer a genealogia desse movimento, Alexandre Brasil Fonseca²⁷ nos oferece as seguintes informações. Em meados do século XIX, na cidade de Boston, atuava Phineas Parkhurst Quimby, um autodidata, tentando curar neuroses, com base em “leituras esotéricas e longas meditações acerca das inclinações subjetivas privadas”²⁸. Três anos após a morte de Quimby, um paciente seu, reverendo Warren Evans publicou, em 1869, o livro considerado pioneiro dessa linha de “cura mental” (*mind cure*). O título da obra era, exatamente, *The mental cure*.

Nessa mesma época, outra paciente de Phineas Quimby, Mary Baker Eddy, fundou a Ciência Cristã, religião que se mantém até hoje, com publicações periódicas em várias línguas, inclusive o português. Seguindo a mesma tendência, outros livros foram editados, tais como: *Power of will* (em 1906, vendeu 600 mil exemplares), *The secret of success* e *Every man a king*.

Bruce Barton publicou, em 1925, *The man nobody knows*, onde Jesus Cristo é apontado como o “primeiro grande executivo”, o “primeiro grande anunciante” e o “fundador da forma moderna de comércio”. Em 1952, começa a fase de sucesso do mais popular divulgador do “pensamento positivo”, Norman Vincent Peale, que vendeu milhões de livros e foi bastante exposto pela mídia da época. O pregador Oral Roberts, em 1955, com apenas vinte anos de idade, lançou a obra *God’s formula for success and prosperity*. A partir da chamada “Igreja Eletrônica”, onde Robert Schuller, o próprio Oral Roberts e outros marcavam presença, a confissão positiva foi popularizada cada vez mais.

²⁷ FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Bragança Paulista: Edusf; Curitiba: Ifan, 2003, p.170-2.

²⁸ MEYER, *apud* Fonseca, *op.cit.*, p.170.

Kenneth Hagin foi leitor de Essek William Kenyon, discípulo de Phineas Quimby, conforme mencionamos. Segundo alguns críticos, Hagin apenas plagiou Kenyon. De fato, examinando o livro “O nome de Jesus”, encontramos citações de Kenyon em quase todas as 144 páginas da edição em português. Talvez, tentando justificar-se, o autor registrou, na introdução da obra, o seguinte:

O único livro bom que achei, dedicado inteiramente ao assunto, é o de E. W. Kenyon: **The Wonderful Name of Jesus** (O Maravilhoso Nome de Jesus). Aconselho você a adquirir um exemplar deste livro. É conhecimento pela revelação. É a Palavra de Deus. (...)

No seminário sobre o Nome de Jesus que dirigi em abril de 1978, citei livremente do livro de E. W. Kenyon: **The Wonderful Name of Jesus**. Gosto especialmente da sua maneira de agrupar as Escrituras para o estudo. Gosto do seu esboço (...).²⁹

Um quadro genealógico da confissão positiva encontra-se na página 364 do livro de Leonildo Campos,³⁰ que reproduzimos em anexo, para ilustrar, com outra visão, esse amálgama de influências que desembocaram na atual teologia da prosperidade.

Segundo Alexandre Fonseca, o médico Lair Ribeiro, propagador da neurolinguística, também bebeu de algumas dessas fontes mencionadas. “A preocupação com saúde, prosperidade e a valorização do eu são elementos que caracterizam a Nova Era e que são perceptíveis em vários espaços religiosos e seculares.”³¹

Este modo de buscar solução para os problemas da vida se expressa nos cultos e reuniões das igrejas neopentecostais. A Universal e a Internacional passaram a fazer reuniões temáticas para tratar de pessoas com crises nos negócios empresariais, com problemas familiares e emocionais, vítimas de maldições e encostos, desempregados, enfermos e portadores de outras necessidades.

Contudo, esse milenarismo, realizado aqui e agora, não se limitou às sessões de desafio à fé, onde esta é testada pela entrega de ofertas cujo valor deve demonstrar o risco assumido pelo contribuinte, ao depositar tudo o que tem sobre o altar, como prova de que aceitou o desafio de fazer um trato com Deus.

Uma outra modalidade de milenarismo se revelou na Igreja Universal do Reino de Deus, através de amplas campanhas de solidariedade pelo povo sofrido do Nordeste, a fim de arrecadar fundos para desenvolver e implantar fazendas modelo, no estilo dos kibutz de Israel. Essa obra vem sendo coordenada pelo bispo Marcelo Crivella, atual senador pelo Estado do Rio de Janeiro.

²⁹ HAGIN, Kenneth E. **O nome de Jesus**. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1988, p.7 e 9.

³⁰ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e Umesp, 1999, p.364.

³¹ FONSECA, *op.cit.*, p.172.

A Igreja Universal constituiu a Associação Beneficente Cristã (ABC), em 1994, para desenvolver trabalhos de ação social. Em parceria com a Rede Record de Televisão, a ABC realizou campanhas de assistência às vítimas da seca, através do programa SOS Nordeste. Durante sua programação comercial, a TV Record convidava os espectadores a levarem roupas e alimentos não perecíveis aos templos da Igreja em todo o Brasil. Era um programa assistencialista, de caráter emergencial.

Projeto Nordeste

No ano de 1999, o bispo Marcelo Crivella percorreu várias capitais do Brasil e da África, fazendo shows em estádios e ginásios de esportes, com o objetivo de arrecadar fundos para o Projeto Nordeste.³² Em suas viagens a Israel, o bispo Crivella passou a observar as fazendas coletivas, *kibutzim*, daí surgindo o desejo de implantar um projeto semelhante no nordeste brasileiro. Com recursos iniciais de oitocentos e cinquenta mil reais, obtidos em contrato de gravação do *compact disc* (CD) “O mensageiro da solidariedade” com a Sony Music, o bispo começou a implantar a Fazenda Nova Canaã, em propriedade de 450 hectares, adquirida no município de Irecê, sertão da Bahia³³. Esta é a primeira experiência, que o também senador Crivella pretende multiplicar naquela região. Para isto, ele vendeu, até novembro de 2003, mais de três milhões de cópias de quatro CDs. O citado, “O mensageiro da solidariedade”, e mais: “Ajuda teu irmão do sertão”, “Vamos irrigar o sertão” e “Coração a coração”. Além dos CDs, o bispo tem lançado livros com a mesma destinação, como os seguintes: “501 pensamentos do bispo Macedo”, “O verdadeiro significado da cruz” (edições em português e inglês) e “Humildade” (*idem*).

O projeto abrange plantio irrigado, agroindústria, assistência social para a população carente dos arredores (principalmente crianças), departamento técnico, biblioteca, laboratórios e salas de conferência. A Fazenda Nova Canaã abriga uma verdadeira cidade, com trinta casas, escola agrícola, escola convencional, que atende mais de quinhentas crianças, e o Centro Educacional Betel, com duzentas crianças na faixa de 3 a 6 anos, recebendo alimentação, transporte, uniforme e assistência médico-odontológica. Está prevista ainda a implantação de creche, clínica médica, pousada, igreja, restaurante comunitário, área de lazer e esporte. O bispo explicou como foi definido esse conjunto de benfeitorias:

tive uma reunião com o prefeito de Recife na Biblioteca Central, da qual participaram o secretário de cultura, o diretor de recursos hídricos, o vice-prefeito, vereadores, pequenos produtores, engenheiros agrônomos e levamos o

³² As informações a seguir foram obtidas na home page: <http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1001>, acessada em 14/11/2003.

³³ Em janeiro de 2000, o bispo Crivella informava que, além dos 850 mil reais do contrato, pagos pela Sony, já havia recebido mais 320 mil reais da venda dos CDs. (Entrevista para *Eclésia*, ano V, nº 50, jan/2000, São Paulo, p. 14).

peçoal de Israel. Foi ali que surgiu a ideia de trazer uma indústria, galpões de armazenamento, irrigação, uma técnica boa de tirar água do subsolo e criar uma fazenda com estrutura social para abrigar crianças na fase pré-escolar. E também para tratar de idosos e pessoas carentes. Tudo isso nasceu da população. A ideia de criar a fazenda foi nossa, mas como adapta-la ao local veio de todos.³⁴

A irrigação é feita com 550 quilômetros de mangueiras espalhadas em 100 hectares, pelo processo de gotejamento em cada unidade plantada. Este sistema garante o aproveitamento da água na quantidade exata requerida pelas plantas e sem desperdício. A captação é feita em quinze poços artesianos abertos na própria área da fazenda. A produção inclui: feijão, milho, cenoura, abobrinha, alface, manga, coco, fruta de conde, acerola, cebola e outros vegetais. O projeto tem sistema de estocagem da produção para evitar perdas e manter uma política de preços em benefício dos agricultores.

Os técnicos de Israel e do Brasil desenvolveram estudos pedológicos e de potencial dos recursos hídricos do subsolo. Foram definidas a viabilidade técnica e econômica para a implantação de uma agroindústria e elaborado um plano plurianual de plantio. O projeto tem lugar para voluntários. Quem for trabalhar na Fazenda Nova Canaã terá moradia, alimentação, funções e jornada de trabalho bem definida, lazer e igreja para frequentar e um manual de convivência a ser seguido. “A pessoa não precisará levar um tostão para lá, mas também voltará sem um tostão. Ela será sustentada pela fazenda” – informou o bispo³⁵.

Concluindo

O poder aquisitivo e o padrão de vida da classe média brasileira foram reduzidos ao longo das últimas três décadas, período que coincide com o nascimento e ascensão da Igreja Universal do Reino de Deus. Essa igreja e outras que compõem o campo religioso chamado neopentecostal quebraram a tradição protestante e pentecostal clássica de ênfase na disciplina, na proibição de hábitos considerados mundanos, na ascese e negação do presente século. Essas novas igrejas e os movimentos carismáticos que proliferaram nas igrejas tradicionais, no mesmo período e com mesma inspiração, vieram com uma proposta de prosperidade, de vitória, de saúde, de sucesso nos negócios, de segurança na profissão, enfim, de fruição das riquezas que já estão preparadas por Deus para aqueles que acreditam e tomam posse delas.

Ora, esse discurso e o ambiente de exaltação emocional onde ele prolifera são muito semelhantes aos surtos milenaristas dos *cargo cults*, principalmente no aspecto dos resultados prometidos pelos clérigos. Os cultos *cargo*, ou “cargueiros”, constituíam um conjunto de

³⁴ Entrevista citada, revista *Eclésia*, idem, p. 16.

³⁵ Idem, *ibidem*.

movimentos messiânicos surgidos na Oceania, em decorrência da chegada de carregamentos de provisões, destinados quase exclusivamente aos brancos. Induzidos por seus líderes religiosos, os indígenas passaram a interpretar que esses carregamentos eram enviados por seus ancestrais, porém interceptados pelos europeus. A partir dessa concepção, os nativos repudiaram a religião dos missionários e reforçaram o culto aos ancestrais, com expectativas milenaristas de prosperidade e restauração da sua cultura³⁶.

Leonildo Campos observa que “são os indivíduos em trânsito, marginalizados, situados nas fronteiras de ordenamentos sociais diversos, socialmente localizados nos pontos intermediários de ‘províncias de significados’, ou em fase de ‘alternação’, que se entregam a sonhos que implicam negação do passado e do presente, e na aceitação de uma teodiceia, que lhes garanta ser possível a mudança de vida, de forma imediata e global.”³⁷

Essa forma de “compensação”, ainda que meramente simbólica, das perdas de qualidade de vida para a classe média e de negação do essencial para os empobrecidos, feita mediante promessas de prosperidade, tem tido tanta força que, na falta de alternativa, levou setores politizados, como o Partido dos Trabalhadores, a se aliar com o Partido Liberal, espaço onde estão sendo executadas importantes estratégias do projeto político da Igreja Universal do Reino de Deus. Ou seja, um segmento da esquerda brasileira, talvez o mais representativo, resolveu legitimar as ilusões do discurso “cargo” da igreja mais atuante do campo neopentecostal brasileiro.

Capitulação, oportunismo político ou reconhecimento da impotência para mudar, face à improvável capacidade de criar uma alternativa ao projeto neoliberal em curso? Só o desenrolar da História trará resposta a essa indagação. O fato é que, “o sucesso da pregação neopentecostal é o melhor exemplo da falência de um projeto religioso modernizante, que provocou a cisão entre o desejo e religião, imaginário e ritual, culto e lazer, corpo e alma.”³⁸

Procurando corroborar o discurso com uma evidência prática, mas não apenas por isto, a Igreja Universal criou um projeto – a Fazenda Nova Canaã – que é apresentado como solução para a penúria dos nordestinos. Em editorial da revista Plenitude, foi escrito:

o bispo Macedo deu uma missão ao bispo Marcelo Crivella: importar para o Nordeste brasileiro o projeto de irrigação de Israel. Nascia a Fazenda Canaã. Mais do que irrigar um terreno árido e sem perspectiva de vida para o sertão baiano, a iniciativa resgata a dignidade da população da cidade de Irecê. Além da produção agrícola, a fazenda gera empregos, coloca crianças na escola e presta assistência médica e odontológica. Quem conhece o Projeto Nordeste fica completamente esperançoso com o futuro do Brasil. É a demonstração clara de que existem realmente soluções para os problemas nacionais. Basta ter ética,

³⁶ Conferir o verbete *Cargo cults*. In: DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000, p. 140.

³⁷ CAMPOS, *op.cit.*, p.436.

³⁸ CAMPOS, *op.cit.*, p. 438.

sinceridade, honestidade e clareza de objetivos. Chega de demagogia! O Projeto Nordeste é o exemplo de uma medida eficaz para combater a fome na nossa Pátria³⁹.

A solução *kibutz*, trazida pelo bispo Crivella, é ideal para quem não quer enfrentar questões como a perversa estrutura fundiária brasileira e a acumulação de riquezas, concentrada em alguns plutocratas do nosso país. O que é bom para os capitais judeus-norte-americanos que se estabeleceram em Israel deve ser bom para os nordestinos miseráveis do Brasil!...

Esse projeto não é apenas um efeito-demonstração da competência da Igreja Universal, como se estivesse a proclamar: “Mesmo não tendo a máquina do governo nas mãos, provamos que somos capazes de resolver o problema do Nordeste. Dêem-nos o poder nas mãos, que transformaremos o Brasil na nova Jerusalém celestial”. De forma bem realista, a Fazenda Nova Canaã foi e continuará sendo um cabo eleitoral eficaz na trajetória de ocupação dos reinos desta terra pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Eles conseguiram estabelecer uma sintonia entre os sonhos dos oprimidos e a realidade “intocável” dos “donos do poder”. Lembrando o que disse Leonildo Campos, o milênio da Igreja Universal já está presente e ocupa as 24 horas do dia.⁴⁰ A política praticada por essa igreja se ajusta ao ideal que as forças conservadoras tanto acalentam: a exemplo de Lampedusa, prometem mudar tudo a fim de não mudar nada.

Referências

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada no Brasil, 2ª edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e Umesp, 1999.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Mentalidade messiânica. In: VV. AA. **A vida em meio à morte em um país do terceiro mundo**. São Paulo: Paulinas; São Bernardo do Campo: IMS, 1983.

DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Bragança Paulista: Edusf; Curitiba: Ifan, 2003.

³⁹ Revista Plenitude, n.80, ano 21, 2002. *Apud* MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (org.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p.314.

⁴⁰ CAMPOS, *op. cit.*, p. 439.

GUIMARÃES, Robson Franco. **Os últimos dias**: crenças, sentimentos e atitudes dos pentecostais da igreja Assembleia de Deus diante da volta de Cristo. Monografia apresentada na disciplina *História Social da Religião* do Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Umesp, julho/2003. (Inédita).

HAGIN, Kenneth E. **O nome de Jesus**. Tradução de Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1988. Home page: <http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1001>, acessada em 14/11/2003.

HUTCHINGS, Noah W. **Arrebatamento e ressurreição**. Rio de Janeiro: Betel, 1996.

JESUS, Erivaldo de. **Escatologia**: um tratado sobre o fim do mundo. Edição do autor, sl, 2001.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **Historia del cristianismo**. El Paso (Texas): Casa Bautista de Publicaciones, 1983.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (org.). **Igreja Universal do Reino de Deus**: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

REVISTA *ECLÉSIA*, ano V, nº 50, jan/2000, São Paulo.

SCHÄFER, Heinrich. **Protestantismo y crisis social em América Central**. San José (Costa Rica): DEI, 1992.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Mutações no protestantismo brasileiro: o surgimento do pós-pentecostalismo. In: DREHER, Martim N. (org). **500 anos de Brasil e igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST e Cehila, 2002.

Recebido em 30/09/ 2012

Aprovado para publicação em 15/12/2012